

O DESPERTAR DA INTEIREZA DO SER: INCOMPLETUDE, INACABAMENTO E PERMANENTE VIR-A-SER

Marilene Batista da Cruz Nascimento¹ | Carlos Alberto Santos Oliveira² | Alan Bruno Silva Vasconcelos³



RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discutir sobre o despertar da inteireza do ser a partir do pressuposto de que para desenvolver maior autoconsciência faz-se necessário priorizar a elevação da inteligência espiritual. Isso significa descobrir o sentido de integridade, dedicando um pouco de trabalho mental e espiritual para analisar as várias possibilidades da vida, inclusive no contexto do trabalho docente. Esta pesquisa teórica, de caráter descritivo bibliográfico, tem base teórica nos argumentos de Catanante (2000) acerca da gestão do ser integral. Concluiu-se que se faz necessário refletir com mais veemência acerca do indivíduo como um ser incompleto, inacabado e no permanente vir-a-ser, possibilitando uma autonomia profissional para (re)criar a profissão docente pela (auto)formação e resignificação do ser integral.

PALAVRAS-CHAVE

Inteireza do ser. Autoconsciência e autoformação.

ABSTRACT

This study aims to discuss the awakening of the completeness of being from the assumption that to develop greater self-awareness is necessary to prioritize the lifting of spiritual intelligence. This means finding out the meaning of integrity, dedicating a little mental and spiritual work to analyze the various possibilities of life, including in the context of teaching. This theoretical research, bibliographic descriptive, has theoretical basis of the arguments of Catanante (2000) concerning the management of being full. It was concluded that it is necessary to reflect more strongly on the individual as an incomplete, unfinished and permanent come-to-be, enabling professional autonomy to (re)create the teaching profession for (self)training and re-signification of being full.

KEYWORDS

Completeness of Being. Self-Awareness and Self-Training.

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos reformistas ou revolucionários dos últimos duzentos anos destacaram a educação como um agente positivo de troca. Esperam-se, da educação, resultados que dependem de estruturas econômicas, políticas sociais, processos culturais ou atitudes éticas dos indivíduos. Esse cenário nos conduz a relativizar ou contextualizar as funções da educação para não ser pessimista.

As teorias deterministas e humanistas têm mantido a ilusão e a proposta de melhoramento do indivíduo e da sociedade por meio da educação. As antinomias e as contradições que surgem do confronto entre as visões contrárias dos processos educativos muito se ocuparam dos debates ideológicos e pedagógicos do século XX. Já o panorama contemporâneo indica a necessidade de rumos diferentes, de um olhar mais complexo acerca da educação. Por que não dizer um (re)descobrir da inteireza do ser

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo discutir sobre o despertar da inteireza do ser a partir do pressuposto de que para desenvolver maior autoconsciência faz-se necessário priorizar a elevação da inteligência espiritual. Isso significa descobrir o sentido de integridade, dedicando um pouco de trabalho mental e espiritual para analisar as várias possibilidades da vida, inclusive no contexto do trabalho docente.

2 DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA: GESTÃO DO SER INTEGRAL

A educação precisa de um enfoque não linear, não unilateral, não dualista, não determinista ou voluntário. Essa visão se sustenta em um conjunto de fatores capaz

de intervir nos processos educacionais. Estes precisam ser multidimensionais e dependem de atores, ideias, processos e estruturas. A educação reproduz as condições da sociedade e ao mesmo tempo pode transformá-la, à medida que é criadora das potencialidades humanas. No entanto, não é responsável pelo uso dessas potencialidades. Estas dependem dos fatores sociais e culturais, dos condicionantes e das atitudes existenciais dos indivíduos.

Esse cenário nos remete a necessidade de se discutir acerca da gestão integral do ser, a partir da ideia de que somos incompletos, inacabados e permanentemente buscamos o vir-a-ser. Essas ideias envolvem autoconstrução e uma tomada de consciência reflexiva. As dimensões da consciência visam compreender e ampliar o estado permanente de si nas relações de dependência (ter), independência (ser), interdependência (fazer), holística (ser) e fazer o bem (no ambiente organizacional) e, para tanto, Catanante (2000) sinaliza onze desafios no alcance desses estágios de (re)descobertas.

O primeiro desafio é compreender a si mesmo como um ser integral. O mundo contemporâneo apresenta uma teia da vida interdependente e quando uma dimensão não vai bem, todas as outras são afetadas. O diferencial do ser humano é superar o perfeccionismo, o excessivo controle, a busca de segurança. Essa discussão evidencia a reforma do pensamento que não deve ser de natureza programática, mas paradigmática, quanto à organização do conhecimento, ao pleno uso da inteligência: “[...] precisamos compreender que nossa lucidez depende da complexidade do modo de organização de nossas ideias” (MORIN, 2000, p. 96).

O desafio segundo trata sobre desenvolver o social do ser integral. Por natureza, cultura e sobrevivência, o ser humano é um ser social. Esse desenvolvimento não leva à mudança de personalidade, mas sem sombra de dúvida à transformação de postura, de hábitos, de atitudes coerentes entre o que se crê, pensa, expressa ou faz.

Desenvolver o emocional do ser integral é o terceiro desafio. O emocional bem desenvolvido faz diferença. Pessoas com essa característica apresentam bons relacionamentos e formam redes de contatos/parcerias. Nesse nível, a atuação com excelência exige um mergulho na observação de si mesmo. Olha-se a partir das suas sombras para a luz, haja vista existir duas polaridades: a positiva e a negativa; a verdade e a mentira; a luz e a sombra.

O quarto desafio aborda desenvolver o espiritual do ser integral. Essa conjuntura considera o profissional de alta performance que atua com excelência: alma e espírito, automotivado com espírito de equipe. Ou seja, indivíduo que exerce suas atividades com alma. Em todas as culturas, por mais diversificadas em termos de hábitos, religiões e costumes, há a crença na espiritualidade como característica natural do ser integral.

De acordo com a autora, essa característica está alinhada com o invisível, com o que se pode sentir, mas não se pode medir, do que se pode falar, mas não se pode tocar. Trata-se do elo que transcende a relação material com o trabalho. Assim, pessoas com grau de espiritualidade bem desenvolvido costumam ter clareza de sua missão, dos benefícios que agregam com o próprio trabalho, da diferença que fazem no mundo pessoal, profissional e na comunidade em que vivem. São pessoas que naturalmente empreendem a responsabilidade social como causa, e não apenas como mecanismo de autopromoção ou terapia ocupacional. Espiritualidade no trabalho constitui

[...] ter a consciência da diferença que o ser humano faz com sua atuação no mundo. É ter clareza de propósitos que visem ao benefício coletivo. É se sentir merecedor de usufruir benefícios que você ajudou a conquistar para todos. É saber que sua ação local vai contribuir para a harmonia global. É atuar agora, confiando no retorno. É fazer o bem, mesmo sem poder sempre ser bonzinho, e se sentir bem, íntegro. [...] Praticar a Espiritualidade no trabalho é atuar com alma, coração e razão integrados, ter confiança total na vida implica acreditar realmente que se está fazendo o que deve ser feito, e não outra coisa. [...] O autoconhecimento vem através da observação pura, sem julgamentos de certo ou errado. Pela observação você pode se transformar. Quando se toma consciência de suas posturas, comportamentos e crenças mais comuns há oportunidade de escolha, de mudar ou não. (CATANANTE, 2000, [n.p.]).

O quinto desafio implica em desenvolver o racional do ser integral. Essa característica até a década de 1980 foi a mais valorizada na academia. Entretanto, o racional não representa o tudo. Trata-se de uma parte importante na formação do ser integral em que reside a lógica, a análise, o discernimento, a síntese. Além disso, concebe a capacidade de observação que por si só é pura contemplação. Se não houver a elaboração, a reflexão, a compreensão das descobertas ou dos *insights* decorrentes dessa observação, não há desenvolvimento. As descobertas são frutos de inúmeras observações de uma determinada situação ou de situações similares aliadas à habilidade de análise e síntese e à visão integrada do todo.

Compreender as dimensões da consciência integral faz parte do desafio sexto que envolve ciclos dinâmicos do processo de atuação em diferentes dimensões da consciência – movimento ascendente e descendente. Ver Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Ser Integral

SER INTEGRAL				
DESENVOLVIMENTO DO ASPECTO		NÍVEIS DE CONCIÊNCIA	RESULTADO NA MELHORIA	
S	SOCIAL		TER	IMAGENS
E	EMOCIONAL		SER	PARCERIAIS
	ESPIRITUAL		FAZER	MISSÃO PESSOAL
R	RACIONAL	SERVIR	ESCOLHAS	

Fonte: NASCIMENTO, M. B. da C. (2014) a partir de CATANANTE (2000, p. 93).

Nessa dimensão, o desenvolvimento do aspecto social, emocional/espiritual e racional apresenta níveis de consciência diferentes acerca da convivência com mudanças constantes que envolvem a certeza da necessidade de renovar-se sempre, considerando os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e as visões, ou seja, o ter, o ser, o fazer e o servir (resultados de melhorias). Assim, o ser humano atuaria em níveis mais elevados da consciência para usufruir da vida plenamente, fazendo a diferença no mundo.

O sétimo desafio contempla ampliar a consciência da dependência do ter. Essa perspectiva significa fazer uso do merecimento de pedir a partir do uso apropriado do poder. Poder de pedir ajuda, informações, aumento, novos desafios, carinho ou afeto, fé, misericórdia, alívio para as dores, consolo etc. Trata-se do foco na sobrevivência e na segurança para buscar resultados por meio do ter, sendo relevante distinguir que

[...] [o] lado da luz é ter consciência do que você necessita pedir agora para ampliar seu ser integral e pedir sentindo-se merecedor de receber o que pede. O lado da sombra é pedir tudo só por pedir. Até mesmo o que não faz sentido, o que não vai ser utilizado – só porque você se acha no 'direito' de pedir ou só porque no passado não teve essa 'sorte'. (CANTANANTE, 2000, p. 97).

O desafio oitavo evidencia ampliar a consciência da independência do ser. Retrata a ideia do que se pode fazer pelo outro ou ser para mim. Essa conduta tem foco na conquista da identidade, do autoconhecimento em busca de resultados por meio do ser. O talento natural demonstra força interior e pode ser transformado em liberdade de ação.

Nessa conjectura, o objetivo é equilibrar a consciência da independência do ser para o uso apropriado da força interior, da liberdade de ação na tomada de decisão, visando à cura de dores físicas e emocionais, ao autocuidado, à autoproteção, à ampliação do carisma, ao aprimoramento de habilidades que permitam uma atuação com excelência para se aprender por meio das próprias experiências – re-

ligiosas, místicas, profissionais, pessoais ou coletivas. Isso significa usar “[...] a força interior e a liberdade de ação para ampliar o bem estar, suas habilidades e a capacidade de realização, cria-se um espaço equilibrado, ampliando o grau de maturidade alinhado ao propósito de vida para beneficiar a todos” (CATANANTE, 2000, p. 101).

Ampliar a consciência da interdependência do fazer envolve o nono desafio. O foco está na coesão e na formação de parcerias motivadas pelo o que se pode fazer por si ou ser para si mesmo. Busca-se resultados pelo fazer, tendo como talento natural a arte de expressar amor por suas ações. Essa perspectiva objetiva equilibrar a consciência da interdependência do fazer que expressa amor a outras pessoas por meio da coragem e da determinação. Demonstra-se disposição para ajudar, comprometendo-se com passar informações ou conhecimentos coerentemente. Para tanto,

a busca desse equilíbrio significa aceitar que as outras pessoas tenham necessidades diferentes das suas. Significa aceitar que vivam suas próprias experiências, podendo contar com sua ajuda quando for preciso. Quando compreende e passa isso às pessoas com atitudes amorosas, você e os outros vivenciam o paraíso da interdependência, do apoio e do respeito mútuo. (CATANANTE, 2000, p.106).

O desafio décimo visa ampliar a consciência da holística do servir que tem como foco a harmonia, o bem comum. Trata-se do que se pode fazer pelo mundo ou ser para o mundo, tendo como talento natural atuar no nível mais elevado da consciência humana e da maturidade psicológica, com vistas a equilibrar a consciência holística, atuando com a alma, o coração e a razão integrados.

Significa ter a clareza de fazer diferença por estar a serviço de alguém e, ao mesmo tempo, a serviço do bem coletivo. Assim, as escolhas e ações visam conceder benefícios a todos, inclusive a si mesmo, por meio da permanência fiel a suas crenças e metas ao tempo em que se abre para outras formas de pensar e expressar. O propósito final desse desafio submerge à busca da conciliação, do equilíbrio de interesses, da distribuição harmoniosa entre ser, ter, fazer e servir. Ou seja,

as pessoas que incorporam esse estado de consciência holística e têm como propósito de vida o servir expressam um talento não muito comum entre os seres humanos, que é o desapego. Desapego se refere a desprender-se das suas verdades, de seus métodos exclusivos, de suas crenças rígidas de como as coisas e as pessoas têm de ter, ser, fazer e até mesmo de como têm de servir. É, em síntese, exercer a espiritualidade no trabalho. (CATANANTE, 2000, p. 108).

O décimo primeiro desafio sinaliza fazer o bem no ambiente organizacional, liderando ou sendo liderado. O foco é manter-se equilibrado com as várias dimensões da consciência, atentando-se às oportunidades. Assim, o indivíduo deve manter

[...] consciente de sua força interior, de sua liberdade de escolha para que você possa ser um líder entusiástico em empreendedor nas ações de servir. Confie nas pessoas, encorajando-as a seguir os próprios métodos, que podem ser diferentes dos seus modos de fazer, com a alma, o coração e a razão integrados. Essa é a forma de expressar seu amor a elas e a sua determinação de perseguir resultados positivos. (CATANANTE, 2000, p. 118).

Nesse aspecto, torna-se relevante mencionar que fazer o bem tem relação direta com o pensar a educação como um processo de construção para o diálogo. Trata-se de compreender o aluno dentro de uma complexidade de relações simultâneas que concorrem para instâncias co-geradoras do conhecimento e corrobora para uma formação capaz de ultrapassar as barreiras do cientificismo, do previsível, da precisão para alcançar o improvável.

A educação dentro desse pressuposto é desafiante. Trata-se de um fazer docente baseado na gestão do ser integral que contempla um ensino multirreferencial, dentro de uma epistemologia pluralista e de uma prática relevante para uma educação do século XXI. A finalidade da educação perpassaria pela dinâmica que combine construção do conhecimento e aplicação do mesmo na compreensão do si, dos outros e das coisas. Essa abordagem apresenta uma inter-relação com a teoria da Espiral Integral do Desenvolvimento da Consciência. Observe a Figura 1 abaixo:

Figura 1 – Espiral Integral do Desenvolvimento da Consciência



Legenda:

- 8 Vida e Harmonia
- 7 Flexibilidade e Fluxos Naturais
- 6 Igualdade e Comunidade
- 5 Autonomia e Manipulação
- 4 Significado e Ordem
- 3 Domínio e Poder
- 2 Segurança
- 1 Sobrevivência

Fonte: Integral Insights. Disponível em: <<http://www.integralinsights.net/SDI.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2014 com legenda adaptada.

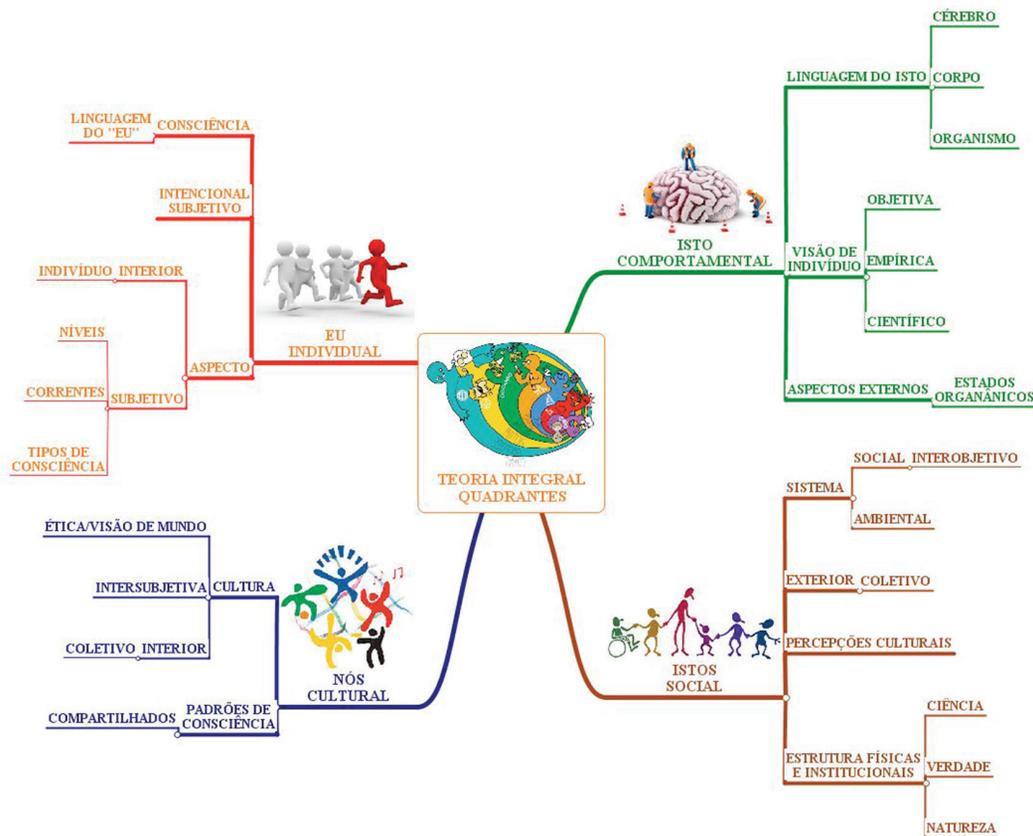
Beck e Cowan (2014) apresentam a espiral integral do desenvolvimento humano em oito níveis do ser: instintivo (sobrevivência), segurança (animista), domínio e poder (mágico-mítico), significado e ordem (absolutista/religioso), autonomia e manipulação (individualista/conquistador), igualdade e comunidade (relativista), flexibilidade e fluxos naturais (sistemático/integrativo) e vida e harmonia (global/holístico).

De acordo com os teóricos, esses níveis não são lineares. Pelo contrário, trata-se de uma teia com inter-relações que envolvem processos interativos sobre os desdobramentos da consciência. Os autores, também, mencionam que os seis primeiros níveis são denominados de subsistência marcados pelo pensamento de primeira-camada. Depois dessas etapas, a consciência emerge para os níveis do ser e do pensamento de segunda-camada (sétimo e oitavo níveis).

Assim, em cada estágio da existência humana, o homem adulto parte na demanda do seu Santo Graal, o modo de vida que procura para viver. No seu primeiro nível busca satisfação fisiológica automática. No segundo nível procura um modo de vida seguro, e isto, por sua vez, é seguido da procura de um estatuto heróico, de poder e de glória, da procura pela paz derradeira, da procura pelo prazer material, da procura pelas relações afetivas, da procura pelo respeito ao eu e da procura pela paz num mundo ilimitado. E, quando descobre que não vai encontrar essa paz, parte para o oitavo nível de sua demanda. À medida que parte para cada demanda, ele acredita ir encontrar a resposta para a sua existência. No entanto, em grande parte, para sua surpresa e consternação, em cada estágio descobre que a solução para a existência não é a solução que tinha encontrado. Cada estágio que atinge deixa-o desconcertado e perplexo. Acontece simplesmente que, à medida que ele resolve um conjunto de problemas humanos, encontra um novo conjunto em seu lugar. A demanda que ele encontra não tem fim (GRAVE, 2014).

Dentro desse cenário, entende-se que teoria do desenvolvimento integral apresenta como princípios a existência do homem em diferentes visões de mundo, sendo que cada nível evidencia um 'mapa do território' da consciência. À medida que o indivíduo resolve os problemas existenciais de um nível, novos sistemas cerebrais são ativados, ressignificando as percepções e fazendo-o ver novos problemas de existência. Os conhecimentos e as experiências são acumuláveis, mas a mudança não é uma garantia de estabilidade alcançada. Ver Figura 2.

Figura 2 – Quadrantes - Teoria do Desenvolvimento Integral



Fonte: Teoria Integral (Ken Wilber) – Quadrantes. Disponível em: <<http://e-literato.blogspot.com.br/2012/03/teoria-integral-ken-wilber-parte-ii.html>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

A teoria do tudo apresenta modelos de desenvolvimento da consciência que integram os domínios do corpo, da mente, da alma e do espírito. O autor demonstra como essa teoria pode ser aplicada nos problemas do mundo real. Nessa conjuntura, o comportamento é desvelador e os quadrantes vistos como perspectivas corroboram para o entendimento da teia de inter-relações com o mundo interior e exterior da vida humana (WILBER, 2003).

No quadrante "Isto" está a dimensão do coletivo que envolve o cérebro, o corpo e o organismo. Trata-se do comportamento objetivo e o indivíduo é visto de forma objetiva, empírica e científica, tendo dentro dos seus aspectos externos os estados orgânicos, como: mecanismos cerebrais, bioquímica, fatores neurobiológicos, neurotransmissores, estruturas orgânicas do cérebro.

O quadrante "Istos" contempla ideias relacionadas ao sistema social interbjetivo e ambiental, sendo o exterior um coletivo (a sociedade) que apresenta percepções culturais em estruturas físicas e institucionais, como: modos tecno-econômicos, es-

tilos arquitetônicos, estruturas geopolíticas, modos de transferência de informações, sistema familiares, práticas coletivas, ciências sistêmicas.

O quadrante “Nós” representa o bom, a moral, a cultura intersubjetiva do interior coletivo. Esse aspecto cultural tem uma visão de mundo e de ética a partir da linguagem do nós e compartilha padrões de consciência que pertencem a uma cultura/subcultura, como: determinada língua, práticas culturais, estruturas semânticas, contexto e significado comunais, princípios, valores, percepções, contextos de fundo cultural, envolvendo entendimento mútuo, equidade e bondade.

Por fim, o quadrante “Eu”, a consciência intencional e subjetiva. Trata-se da arte, do belo no aspecto interior subjetivo da consciência, envolvendo níveis de desenvolvimento (oito estágios aqui já explicitados), correntes de desenvolvimento (cognitiva, moral, emocional e espiritual) e os tipos de consciência (variações de personalidade e diferentes estilos sexuais). Entende-se, aqui, que toda consciência individual subjetiva surge dentro da clareira criada por estruturas culturais/intersubjetivas.

Essa abordagem contempla um pensar além de um conhecimento fragmentado que, por tornar invisíveis as interações entre um todo e suas partes, anula o complexo e oculta os problemas essenciais (MORIN, 1990). Então, religar os saberes na busca de se compreender as conexões que envolvem fluxos contínuos no processo de construção do conhecimento é o desafio da educação para o desenvolvimento integral.

3 (RE)DESCOBRIR A INTEIREZA: IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE

Discutir a relevância da inteireza do ser no trabalho docente significa repensar conceitos e argumentos numa direção dialógica e enriquecedora em que a categoria inteireza deve estar pautada na interação, no centro de interesses (professor e aluno), nas experiências, vivências e curiosidades. Isso significa que o trabalho docente deve ativar a potencialidade criativa dos sujeitos aprendentes para dinamizar suas aprendizagens, vinculando o saber à realidade. O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação e favorece o ato de aprender que é coletivo, embora tenha uma dimensão individual.

Entende-se por trabalho docente a práxis, marcada pela associação teoria e prática, que se pauta na ação-reflexão-ação, também compreendido como um processo que emerge do estudo de sua gênese, de suas condições históricas gerais – o trabalho como forma histórica – e com suas particularidades (o cotidiano da ação docente) (AZZI, 2000).

Nessa perspectiva, a prática do professor se configura pela via de dois processos em dialogicidade: o ensinar e o aprender, de modo a contribuir para o processo de humanização dos alunos, dos próprios professores (eternos aprendizes) e da sociedade. Assim, o (re)descobrir do ser tem relação com a premissa de que o ser humano é

incompleto, inacabado e busca permanentemente um vir-a-ser. Para tanto, torna-se referência o desenvolver nos alunos de conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes permitam construir seus próprios saberes e fazeres a partir das necessidades e dos desafios postos pelo ensino como prática social do cotidiano.

Esse contexto exige uma visão de homem baseada numa educação humanizada que tem como ponto de partida a autorreferência, ou seja, o próprio existir e conviver: “Não sou apenas algo, um dado como outros dados da natureza, mas sou dado a mim mesmo, evidenciando implicação de autorreferência e possibilidade de autodeterminação” (PIVATTO, 2007, p. 357). Além disso, o autor acrescenta:

[...] no campo da educação, tudo o que se refere ao ser educável não pode não atingir este centro de referência que é cada eu autorreferido e responsável pelo seu devir; a implicação sistemática do pólo de referência “eu” leva a considerar que a forma originária indispensável de toda educação jamais pode dispensar este centro luminoso que parte do seu existir. (PIVATTO, 2007, p. 358).

A autorreferência traz implicações no campo da percepção de sua singularidade, associada à enigmaticidade e ignorância. O homem não nasce pronto, humanizado. O tornar-se humano depende muito mais do futuro que dos fatos. A humanidade depende de uma criação pessoal e social, ou seja, “[...] o existir contém sem dúvida a possibilidade, a virtualidade da humanização, mas que esta só se verifica se cada um, sem dispensar o contexto social, realizar um investimento no seu vir a ser humano” (PIVATTO, 2007, p. 359).

Nessa conjectura do inacabado, da incompletude, e do permanente vir-a-ser, o autoconhecimento, a (auto)formação é indispensável para elevar a atenção permanente de si. Essa discussão converge para a clareza de que a construção da identidade docente implica na profissão professor: uma formação que agregue valores à experiência pessoal e ao saber pedagógico edificado no cotidiano contribui para se construir e compartilhar de conhecimentos com o coletivo, corroborando à imprescindibilidade da interação entre alunos, sala de aula, contexto da escola e, principalmente, consolidando a identidade da profissão docente numa perspectiva humanizadora.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A (auto)formação integral do ser professor na perspectiva reflexiva e de autorreferência permite fazer uma análise de que a partir do ser integral emerge uma nova caminhada em que o conhecimento formal não se limita a deduzir as práticas. Pelo contrário, o professor passa a equacionar suas atitudes, escolher

temáticas de reflexão, propor alternativas de intervenção, criar estilos de debates, lidar com pessoas, acompanhar seus processos de formação de produção e apreensão de saberes e valores.

O ensino como uma atividade de autorreferência, um fazer fruto de um processo de deliberação, um refletir da prática estimulada pela interação professor-aluno em diferentes situações, ainda, é um desafio para o despertar da inteireza do ser no contexto da sociedade contemporânea na qual se vive.

A discussão, aqui, proposta conduz a pensar/refletir com mais veemência o indivíduo como um ser incompleto, inacabado e no permanente vir-a-ser, possibilitando uma autonomia profissional para (re)criar a profissão docente pela (auto)formação e resignificação do ser integral.

REFERÊNCIAS

AZZI, Sandra. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

BECK, Tom; COWAN, Christopher. Disponível em: <<http://www.integralworld.net/pt/anexo-A.html>>. Acesso em: 20 abr. 2014

CATANANTE, Bene. **Gestão do ser integral**: como integrar alma, coração e razão no trabalho e na vida. São Paulo: Infinito, 2000.

GRAVE, C. W. Disponível em: <https://www.academia.edu/592306/Resumo_da_Dinamica_da_Espiral>. Acesso em: 20 abr. 2014

MORIN, Edgar. **Introduction à la pensée complexe**. Paris: EST Éditeurs, 1990.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PIVATTO, Pergentino Stefano. Visão de homem na educação e o problema da humanização. **Revista Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.2 (62), p.337-363, maio/ago. 2007.

WILBER, Ken. **Uma teoria de tudo**. São Paulo: Cultrix, 2003.

Data do recebimento: 18 de julho de 2014

Data da avaliação: 18 de Julho de 2014

Data de aceite: 21 de Julho de 2014

1 Mestra em Educação pela Universidade Tiradentes (Unit). Docente dos cursos presenciais e a distância da Unit/Aracaju/Sergipe. Membro do GPGFOP/Unit/CNPq. E-mail: nascimentolene@yahoo.com.br

2 Acadêmico do curso de Educação Física da Universidade Tiradentes. Membro do GPGFOP/Unit/CNPq. E-mail: carlosfla94@hotmail.com

3 Acadêmico do curso de Educação Física da Universidade Tiradentes. Membro GPGFOP/Unit/CNPq. E-mail: abs.vasconcelos@yahoo.com.br